

In: Bencatel, J., Sabino-Marques, H., Álvares, F., Moura, A. E. & Barbosa, A. M. (eds.), 2019. *Atlas de Mamíferos de Portugal*, 2ª edição. Universidade de Évora, Portugal

Carnívoros

Francisco Álvares, Catarina C. Ferreira,
A. Márcia Barbosa, Luís Miguel Rosalino,
Nuno M. Pedroso e Joana Bencatel

Contribuidores com observação e/ou envio de registos para este capítulo

A. Márcia Barbosa; Abel Carvalho; Addy Glas; Adelino Oliveira; Albertino Silva; Alberto Gusmão; Albino Costa; Alcina Sousa; Aldina Franco; Alexandre H. Leitão; Alfredo Gomes; Altri Florestal; Ana Abel; Ana Catarina Silva; Ana Ferreira; Ana Galantinho; Ana Perera; Ana Silva; Ana Teresa Cândido; Andra Antunes; André Brito; André Carapeto; André Couto; Andre Hospers; André Lameirinhas; André Lourenço; André Mestre; André Oliveira; Antigoni Kaliontzopoulou; António Alijó; António Babo; António Caiado; António Cardoso; António Cláudio Heitor; António Cruz; António Domingues; António Meia-Lêgua; António Mira; António Monteiro; António Mouta; António Rebelo; António Rodrigues; António Silva; António Xeira; APATA - Mogadouro; APGVN; Applied Phylogenetics Group - CIBIO; Arien Bekker-Holtland; Arlindo Esteves; Armando Barbosa; Armando Caldas; Armando Loureiro; Armino Ferreira; Assoc. A Rocha; Assoc. Caça de Vilarandelo; Assoc. Caça e Pesca da Caranguejeira; Assoc. Caça e Pesca de Alferce; Assoc. Caça e Pesca de Castro Vicente, Porrais e Vilar Seco; Assoc. Caça e Pesca de Ruivães; Assoc. Caça e Pesca de São Salvador da Aramenha; Assoc. Caça e Pesca de Sernancelhe; Assoc. Caça e Pesca de Viatodos; Assoc. Caça e Pesca de Vila Franca; Assoc. Caça e Pesca do Concelho de Belmonte; Assoc. Caça e Pesca do Vale Santo; Assoc. Caça Serro das Águias; Assoc. Caçadores "Os Mirones"; Assoc. Caçadores "Os Raposeiros" de Alpiarça; Assoc. Caçadores de Arruda dos Vinhos; Assoc. Caçadores da Branca; Assoc. Caçadores da Orada; Assoc. Caçadores de Benfica do Ribatejo; Assoc. Caçadores de Brunhosinho; Assoc. Caçadores de Canha; Assoc. Caçadores de Fontes; Assoc. Caçadores de Galafura; Assoc. Caçadores de Mira; Assoc. Caçadores de Terreno Livre do Distrito de Beja; Assoc. Caçadores do Concelho de Mação; Assoc. Caçadores do Vale do Tâmega; Assoc. Caçadores e Pescadores de Alagoa; Assoc. Caçadores e Pescadores de São Cristóvão; Assoc. Caçadores e Pescadores do Outeiro; Assoc. Caçadores Livres do Concelho de Aljustrel; Assoc. Cultural R. D. de Sto. António de Monforte; Assoc. das Quatro Freguesias; Assoc. Desportiva e Recreativa, Tiro, Caça e Pesca de Ribeira de Oira; Assoc. SOS – Rio Tejo; Augusto Tavares; Axel Groenveld; Bárbara Martí; Bart De Keersmaecker; Bart Noort; Bart van den Boogaard; Beatriz Ginja; Bernardete Amorim; Bernardino Silva; Bert Snijder; Bio-Blitz Lisboa; Biodiversity4All; Biosfera Consultoria Medioambiental; Bombeiros das Taipas; BRISA; Bruno Batista; Bruno Silva; Câmara Municipal de Constância; Câmara Municipal de Miranda do Douro; Câmara Municipal de Ribeira de Pena; Carlos Barros; Carlos Carrapato; Carlos D'Haeseleer; Carlos Fidalgo; Carlos Fonseca; Carlos Franquinho; Carlos Gonçalves; Carlos Manuel; Carlos Pacheco; Carlos Pelhe; Carlos Pereira; Carlos Ribeiro; Carlos Rio; Carmen B. de

los Santos; Carmo Silva; Carolina Barbosa; Casinha do México; Catarina C. Ferreira; Catarina Mateus; Catarina Moreira; CBA; cE3c - FCUL; Centro de Oceanografia - FCUL; CERAS-Quercus; CERVAS; CESAM-UA; Christina Branco; CISE; Clara Espírito Santo; Clara Ferreira; Clara Grilo; Cláudia Encarnação; Cláudia Matos; Cláudio Álvaro; Claudio Oliveira; Clube de Caça de Sicó; Clube de Caça dos Bombeiros do Alandroal; Clube de Caça e Pesca Beira Erges; Clube de Caça e Pesca da Vieira; Clube de Caça e Pesca de Entre Douro e Paiva; Clube de Caça e Pesca de Mangualde; Clube de Caça e Pesca de Mesão Frio; Clube de Caça e Pesca de Mira de Aire; Clube de Caça e Pesca de Monte Redondo; Clube de Caça e Pesca Os Amigos de São Miguel; Clube de Caça e Pesca da Póvoa do Concelho; Clube de Caça e Tiro de Santo Amador; Clube de Caça Zoio; Clube de Caçadores da Póvoa do Lanhoso; Clube de Caçadores de Quelfes; Clube de Caçadores de Santana do Campo; Clube de Caçadores de Sta. Tecla; Clube de Caçadores do Concelho da Marinha Grande; Clube de Caçadores e Pescadores do Sudoeste Alentejano; Clube de Caçadores Pacíficos de Santo Estevão; Clube de Caçadores Vale Largo; Clube Cultural e Recreativo Os Amigos da Carrapateira; Clube Pinheiro Bravo - Proença-a-Nova; CRASHV-UTAD; Daniel Paalvast; Daniel Raposo; Daniel Sousa; Dário Hipólito; David Gonçalves; David J. M.; David Pereira; Denis Medinas; DEP/DHE; Desafio das Letras; Diana Bencatel; Diana Reto; Diana Sousa Guedes; Dick Dooyewaard; Dinora Peralta; Diogo Álvares; Diogo Oliveira; Dirk Verbeelen; Domingos Rocha; Dorine Loman; Duarte Cadete; Duarte Frade; Duarte Gonçalves; Edgar Gomes; EDIA; Eduardo Faria; Eduardo Ferreira; Eduardo Realinho; Eduardo Santos; Eduardo Sequeira; Elsa Fernandes; EP Aveiro; Equipa Corço; Eric Thomassen; Erika Almeida; Erika Mitchell; Ernesto Gonçalves; Estrela Matilde; Eva Monteiro; F. K. Amaral; Fabiana Marques; Fernando Ascensão; Fernando Goytre; Fernando Monteiro; Fernando Romão; Fernius; Filipa Correia; Filipa Ferreira; Filipa Machado; Filipe Canário; Filipe Carvalho; Filipe Cayolla; Filipe E. Andrea; Filipe Maia; Filipe Marques; Filipe Martinho; Filipe Martins; Filipe Ribeiro; Francisco Álvares; Francisco Amorim; Francisco Barros; Francisco Bernardo; Francisco Fonseca; Francisco Ico Martins; Francisco Orfão; Frank Visbeen; Frans Meijis; Frederico Guedes; Frederico Mestre; G. B. Kortleve; Gady Rui Santos; GBIF; GeObserver Geo; Gil Costa; Giovanni Manghi; Gisela Moço; Gonçalo Costa; Gonçalo Marcolino; Gonzalo Mucientes Sandoval; Grupo Desportivo e Cultural Sobralense; Grupo Facebook “Mamíferos de Portugal em Estado Selvagem”; Grupo Lobo; Guilherme Buzzo; Guilherme Vieira; Guillaume Rethore; Gustavo Alves Martins; Guy Van Steen; Han Jacobs; Hans Bekker; Hans Verdaat; Hélder Cortes; Hélder Duarte; Helder Fernandes; Helena Martins; Helena Rio-Maior; Helena Sabino-Marques; Hélia Vale-Gonçalves; Heloisa Chitas; Henk Feith; Henrique Carvalho; Henrique Oliveira Pires; Henrique Pereira; Herman Sieben; Herwig Mees; Horácio Costa; Hugo Figueiredo; Hugo Gaspar; Hugo Matos; Hugo Ribeiro; Huub Verbeek; Iberdrola; ICNF; Ilaria Campana; iNaturalist; Inês Barroso; Inês Leitão; Inês Neves; Inês Roque; Isa de Sá Teixeira; Isabel Borges; Isabel Lourenço; Isidoro Soares Teodoro; Iván Prego Alonso; Ivo Santos; J. Tiago Marques; Jacinta Mullins; Jacinto Diamantino; James Harris; Jan Boshamer; Jan Buys; Jan Vanaverbeke; Jan Wondergem; Jasja Dekker; Jens D’Haeseleer; Jeroen Willemsen; Joana Alves; Joana Bencatel; Joana Bernardino; Joana Campos; Joana Paupério; João Acabado; João Adrião; João Bernardo; João Botcha; João Branco; João Carvalho; João Craveiro; João Ferreira; João Gaiola; João Inez; João Matos; João Paulo Carvalho; João Ribeiro; João Rodrigues; João Silva; João Tiago Tavares; Joaquim Pedro; Johannes Jansen; Jóni Vieira; Jorge Costa; Jorge Gomes; Jorge Gonçalves; Jorge Quaresma; Jorge Vicente; Jos Hoekerswever; José António Figueira; José Azevedo Ribeiro; José Caldinhas; José Carlos Brito; José Conde; José Costa; José do Outeiro; José Fajardo; José Faustino; José Ferreira; José Freitas; José Jambas; José Luís Barros; José Luís Sequeira; José Macedo; José Manuel Arantes; José Martins; José Miguel Oliveira; José Pedro Silva; José Realinho; José Riquinho; José Rosário; José Santos; José Sousa; José Vicente López-Bao; Juan Dapena; Juan Santos; Juscelino Pereira; Kees Mostert; Laurentino Barbosa; Lemuel Silva; Lena Lopes; Leonor Tavares; Lies van der Wal; Life+IBERLINCE; Lisete Matos; Lorenzo Quaglietta; Louis Blom-

menstein; LSNPO - REN e EGSP/ECOSSISTEMA; Lu Pan; Luc Degraer; Luciana Simões; Luciano Nunes; Luís António; Luís Arinto; Luís Avelar; Luís Braz; Luís Cardoso; Luís Castro; Luís da Costa; Luís Ferreira; Luís Gomes; Luís Guilherme Sousa; Luís Amoreira; Luís Lopes Silva; Luís Macedo; Luís Miguel Rosalino; Luis Pedro Sousa; Luís Pires; Luís Querido; Luís Reino; Luís Santos; Luís Silva; Luís Vaz; Luís Venâncio; LX-CRASPEM; M. Teresa; Mafalda Basto; Mafalda Costa; Manuel Alves Martins; Manuel Gonçalves; Manuel Gonçalves de Cidadelhe; Manuel Lemos; Manuel Nunes; Manuel Petiz; Manuel Silva; Marc Detollenaere; Marc van Beijsterveldt; Marcelo Gomes Silva; Márcio Miguel Martins; Marco Fachada; Margarida Fernandes; Margarida Gerreiro; Margarida Jerónimo; Margarida Santos-Reis; Maria João Pereira; Maria Oswaldina Rego; Maria Pimentel; Maria Teresa Vaz Freire; Mariana Álvares; Mariana Cornachio; Marina Pruyssers; Mário Carmo; Mário Esteves; Mário Ferreira; Mário Lopes; Mário Pedro Sousa; Maris Kuningas; Marisa Naia; Marisa Quaresma; Marta Cruz; Martin Poot; Martijn Vogels; Mary Markx; Matthias Tissot; Maurice Elf; Max Laeremans; Maykel van Gent; Michael Bakker Paiva; Miguel Ângelo Sampaio; Miguel Barbosa; Miguel Cardoso; Miguel Carretero; Miguel Ferreira; Miguel Nóvoa; Miguel Pimenta; Miguel Rodrigues; Milene Matos; Mónica Nakamura; Mónica Sousa; Montis; Natuga Lda; Nefalí Sillero; Nelson Fernandes; Nelson Varela; Noel Shilcock; Nuno Araújo; Nuno Castilho; Nuno Curado; Nuno Marques; Nuno Meireles; Nuno Monteiro; Nuno Negrões; Nuno Neves; Nuno Palaçóulo; Nuno Pedroso; Nuno Reis; Nuno Santos; Nuno Sousa; Nuno Xavier Moreira; Oceanário de Lisboa; Odile Schmidt; Oestecaça; Os Bons Caçadores da Mesquita; P. Sierra; Pallieter De Smedt; PALOMBAR; Patrícia e Luís; Patrícia Gil; Patrícia Ramalho; Patrícia Santos; Paul Brugman; Paula Gonçalves; Paula Pinheiro; Paulo Almeida Santos; Paulo Alves; Paulo Barros; Paulo Belo; Paulo Cabrita; Paulo Campos; Paulo Canaveira; Paulo Catry; Paulo Célio Alves; Paulo Eduardo Cardoso; Paulo Marcos; Paulo Marques; Paulo Mota; Paulo Reis; Paulo Ribeiro; Paulo Roncon; Paulo Silva; Paulo Silva Azevedo; Paulo Talhadas; Pedro Alves; Pedro Costa; Pedro Faisca; Pedro Fernandes; Pedro Guilherme Nicolau; Pedro Lima; Pedro Monterroso; Pedro Moreira; Pedro Nicolau; Pedro Nuno; Pedro Paisana; Pedro Pereira; Pedro Pinela; Pedro Pombo; Pedro Primavera; Pedro Rego; Pedro Salgueiro; Pedro Serafim; Pedro Sousa; Pedro Stichini Vilela; Pedro Tarroso; Pedro Vaz; Peter Standaert; Philip Perry; Pierre Esteves; Pinto Moreira; Pires Afonso; PNAL; PNDI; PNM; PNSAC; PNSACV; PNSE/DHE; PNVG; PPLEsposende; Programa Liberne; Projecto Ecomuseu do Redondo; Projecto Lobo Alto Minho; Projecto Lobo Sul Douro; QUERCUS; Rafael Carvalho; Raquel Filgueiras; Raquel Godinho; Raquel Neves; Ria Vogels; RIAS / ALDEIA; Ricardo Brandão; Ricardo Couto; Ricardo Frago; Ricardo Guerreiro; Ricardo Leite; Ricardo Lima; Ricardo Matosinhos; Ricardo Moura; Ricardo Nabais; Ricardo Pita; Ricardo Rocha; Ricardo Rodrigues; Ricardo Tavares de Melo; Ricardo Tomé; Rita Azedo; Rita Brito; Rita Ferreira; Rita Marcelino; Rita Pacheco; Rita Velez; RNET; Rob Koelman; Rogério Rodrigues; Rollin Verlinde; Ruben Barroso; Rui Barros; Rui Cardeira; Rui Cereja; Rui Lourenço; Rui Oliveira; Rui Pedro L.; Rui Pereira; Rui Rafael; Sabrina Mazzoni; Samuel Infante; Sandra Alcobia; Sandra Antunes; Sandra Costa; Sandra Duarte; Sandra Gomes; Santiago Soto Maurer; Sara Moreira; Sara Ornelas; Sara Pinto; Sara Pulido Valente; Sara Roque; Sara Santos; SECIL; SEPNA; Sérgio David Silva; Sérgio Esteves; Sérgio Godinho; Sergio Rodrigues; Sílvia Barreiro; Sílvia Ribeiro; Simão Ribeiro; Simone Lampa; Sítio Barca e Agolada; SMLM-ICN; Sofia Alexandra; Sofia Eufrázio; Sofia Melo; Sofia Rodrigues; Sofia Vasques; Sónia Rosa Fragoso; Soraia Barbosa; STRIX; Susana Garcia; Susana Martins; Tânia Araújo; Teresa Campos; Teresa Luísa Silva; Teresa Mexia; Teresa Neves; Teresa Salgueiro Baptista; Thomas Merckx; Tiago Batista; Tiago Correia; Tiago Mendes; Tiago Pinto; Tiago Rodrigues; Tim de Boer; Tim van Nus; UBC; Urogallus; Valter Jacinto; Vanessa Mata; Vânia Neves; Vânia Proença; Vânia Salgueiro; Vasco Valdez; Vera Arsénio; Vera Santos; Verónica Gomes; Víctor Bandeira; Violeta Alves Martins; Virgínia Pimenta; Vítor Gonçalves; Vítor Silva; Vítor Simões; Walter Heijder; Willem Wind; Xico Neto; Yago Carreño; Yvan Cauwenberg; ZCT; Zé Manuel Arantes; Zé Martins; Zerpelin, Lda.

Carnívoros

(Carnivora)

Taxonomia

A ordem Carnívora inclui atualmente, a nível global, 259 espécies, das quais 26 ocorrem na Europa. Em Portugal ocorrem 15 espécies, pertencentes a 6 famílias: Canidae, Felidae, Herpestidae, Mustelidae, Procyonidae e Viverridae.

Caraterísticas gerais do grupo

Os Carnívoros são muito diversos em termos de forma, tamanho e função ecológica, com pesos que variam entre 35 g (doninha) e 800 kg (urso polar). Nem todos têm uma dieta carnívora no sentido estrito, mas todos possuem dentes carniceiros e, geralmente, mandíbulas fortes. A família Canidae, que inclui o lobo e a raposa, é composta por espécies geralmente oportunistas e adaptáveis. Podem ser solitários ou sociais e são a família com a distribuição mundial mais vasta, estando presente em todos os continentes exceto a Antártida. A família Mustelidae inclui a doninha, o arminho, o toirão, o visão-americano, a marta, a lontra e o texugo. É amplamente distribuída e diversa, com muitas espécies maioritariamente solitárias, ocupando a maioria dos habitats terrestres, mas também ambientes de água doce, salobra e salgada. Os membros da família Felidae, que inclui o gato-bravo e o lince-ibérico, apresentam a dieta mais carnívora desta ordem, sendo considerados hipercarnívoros. A maioria das espécies é solitária, territorial e tende a viver em ambientes florestais com reduzida perturbação humana. As famílias Viverridae e Herpestidae incluem, respetivamente, a geneta e o sacarrabos (também chamados mangustos). As espécies destas famílias, de origem africana, são geralmente omnívoras. Contudo, diferem entre si em vários aspetos: as genetas são geralmente solitárias e noturnas; os sacarrabos podem ser solitários ou viver em pequenos grupos familiares, tendo frequentemente hábitos diurnos. Os membros da família Procyonidae, que inclui o guaxinim (ou mapache), são nativos da América e foram recentemente introduzidos na Europa. São geralmente noturnos e incluem tanto espécies solitárias como sociais, sendo considerados os membros desta ordem com a dieta mais omnívora.

Bibliografia recomendada

Bencatel et al. (2018), Hunter & Barrett (2011), Loureiro et al. (2012), Nowak (2005), Wilson & Mittermeier (2009)

Canis lupus Linnaeus, 1758

Lobo

Lobo, Wolf



Francisco Álvares

| Origem | Categoria IUCN | Categoria LVVP |
|--------|----------------|----------------|
| Nativa | LC | EN |

Habitat

O lobo é uma espécie generalista, capaz de viver em todos os habitats do Hemisfério Norte onde exista disponibilidade de alimento (em particular, grandes ungulados) e onde a perturbação humana não seja excessiva.

Distribuição global

Atualmente, o lobo ocupa grande parte da Ásia, da região setentrional da América do Norte e da Europa Oriental, tendo ainda populações-reliquia na Europa Central e Ocidental. Na Península Ibérica, ocorre a subsespécie *Canis lupus signatus*, distribuída amplamente no quadrante noroeste. O núcleo mais pequeno e isolado que existia na região da Sierra Morena (sul de Espanha) foi recentemente considerado extinto.

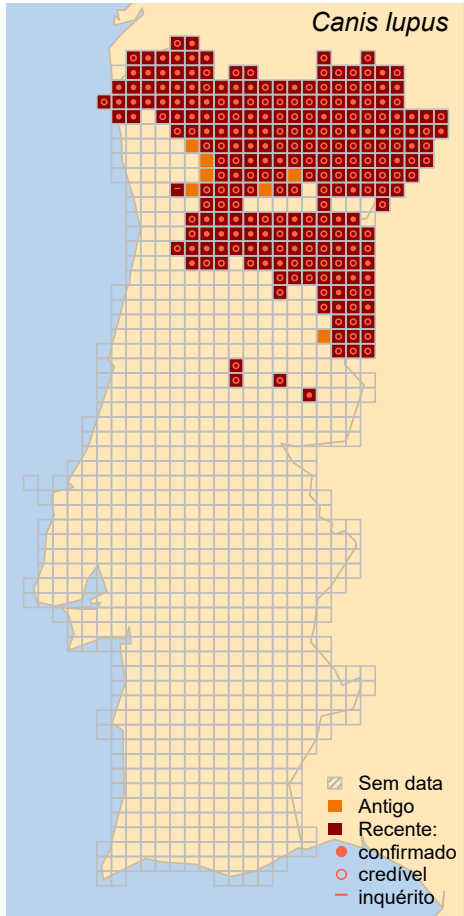
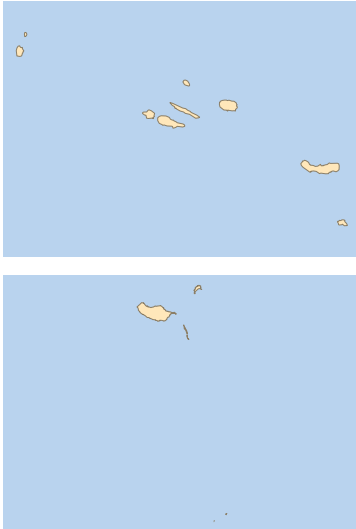
Distribuição em Portugal

Em Portugal, historicamente, o lobo ocorria praticamente em todo o território continental, mas no início do século XX sofreu uma contração acentuada da sua área de distribuição. Atualmente, ocorre sobretudo nas regiões montanhosas da metade norte do país, apresentando duas subpopulações: uma relativamente contínua localizada a norte do rio Douro, com núcleos principais nas serras da Peneda-Gerês e Alvão-Padrela e no distrito de Bragança, em continuidade com a população do norte de Espanha; e outra fragmen-

tada e localizada a sul do rio Douro, desde as serras da Freita e Arada até à região fronteiriça da Beira Interior, encontrando-se aparentemente isolada da restante população ibérica. Os registos de presença isolados (um dos quais confirmado) que se observaram a sul da área principal de ocorrência deverão corresponder a indivíduos dispersantes, que são capazes de percorrer grandes distâncias em busca de novos territórios.

Prioridades de investigação

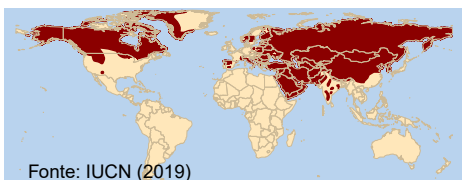
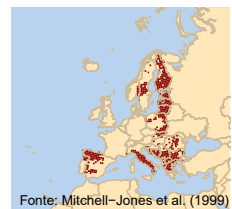
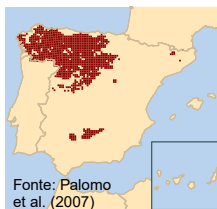
A população portuguesa de lobo foi alvo de uma amostragem sistemática a nível nacional em 2002/2003, que permitiu determinar a sua distribuição no nosso país. Em 2015, esta informação foi atualizada com base num vasto número de trabalhos de monitorização a nível regional e local. É necessário um novo censo nacional, com métodos de amostragem mais fidedignos (e.g. genética não-invasiva), para atualizar o conhecimento sobre a área de distribuição, o número de alcateias e o efetivo populacional, bem como para avaliar as tendências destes parâmetros. Estudos futuros deveriam focar também na monitorização do limite sul da área de distribuição desta espécie, para determinar tendências populacionais e avaliar a sua possível expansão natural para regiões que já ocupou no passado, como a Serra da Estrela.



| | |
|------------------------------------|------|
| Nº registos | 2724 |
| Nº quadrículas com registos | 255 |
| % quadrículas com registos | 25,3 |
| % quadrículas confirmadas | 38,4 |

Bibliografia

Álvares et al. (2015), Blanco et al. (2007), Boitani (1995, 2000), Cabral et al. (2005), Mech (1970), Mech & Boitani (2010), Petrucci-Fonseca (1990), Pimenta et al. (2005)



Vulpes vulpes (Linnaeus, 1758)

Raposa

Zorro, Red fox



Henrique Oliveira Pires

| Origem | Categoria IUCN | Categoria LVVP |
|---------------|-----------------------|-----------------------|
| Nativa | LC | LC |

Habitat

A raposa é uma espécie generalista que ocorre em todo o tipo de ambientes, desde o subártico até ao desértico, tanto em meios florestais como em espaços abertos, e inclusivamente em centros urbanos. No entanto, parece ter tendência para ocupar mais frequentemente habitats heterogêneos do que homogêneos.

Distribuição global

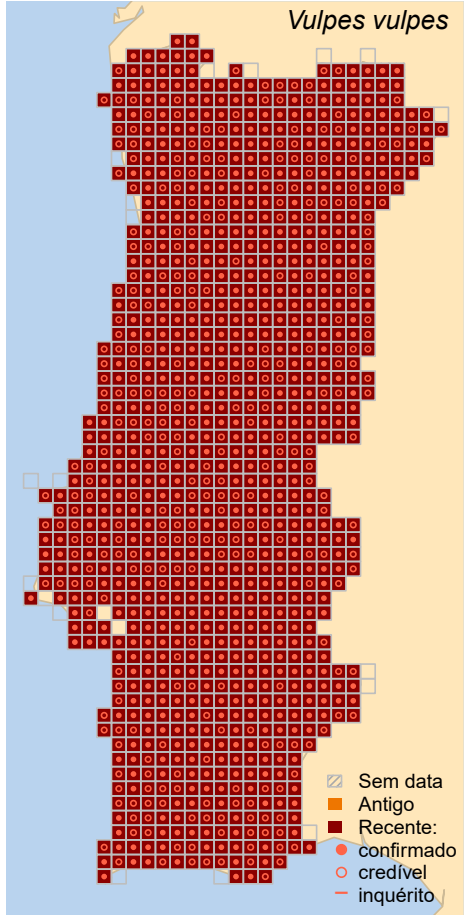
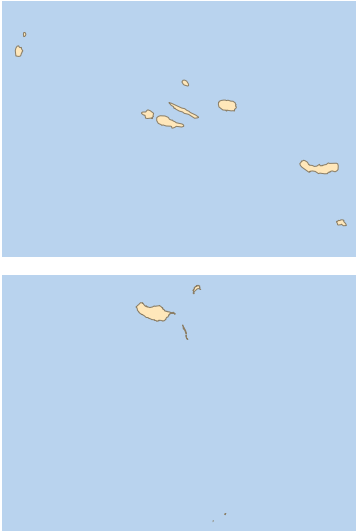
A raposa é o carnívoro com mais ampla distribuição a nível mundial, ocorrendo em todo o Hemisfério Norte e tendo sido inclusivamente introduzida na Austrália. Distribui-se praticamente pela totalidade do continente Europeu e é comum em toda a Península Ibérica.

Distribuição em Portugal

A raposa é uma espécie muito comum em Portugal, tendo uma distribuição ubíqua no território continental.

Prioridades de investigação

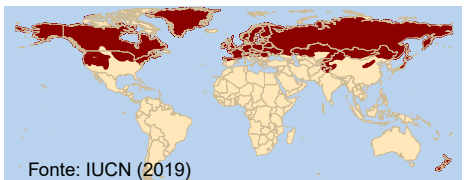
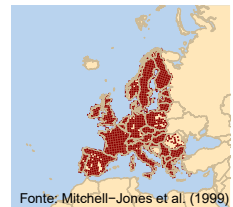
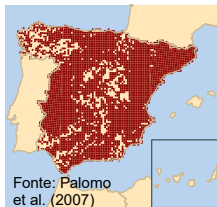
Embora seja provavelmente o carnívoro com a distribuição mais generalizada e contínua no nosso país, não deixa de ser importante implementar estudos de monitorização que permitam detetar preventivamente alterações na sua distribuição, abundância ou estatuto de conservação. Tal reveste-se de particular importância uma vez que esta espécie é legalmente caçada em Portugal, podendo, por isso, apresentar oscilações populacionais fruto da sua exploração cinegética.



| | |
|------------------------------------|-------|
| Nº registos | 14145 |
| Nº quadrículas com registos | 987 |
| % quadrículas com registos | 98 |
| % quadrículas confirmadas | 68,1 |

Bibliografia

Carvalho & Gomes (2004b), Gortázar (2007), Hoffman & Sillero-Zubiri (2016)



Mustela erminea Linnaeus, 1758

Arminho

Armiño, Ermine



James Lindsey

| Origem | Categoria IUCN | Categoria LVVP |
|--------|----------------|----------------|
| Nativa | LC | DD |

Habitat

O arminho ocupa uma grande variedade de habitats, encontrando-se mais associado a biótopos húmidos com abundância de micromamíferos e evitando florestas densas e desertos.

Distribuição global

Esta espécie tem uma distribuição circumboreal, incluindo parte da Eurásia e da América do Norte. Na Península Ibérica, que se situa no limite sudoeste da sua distribuição europeia, apresenta duas áreas principais de ocorrência: uma no Noroeste, que abrange Portugal, e outra nos Pireneus.

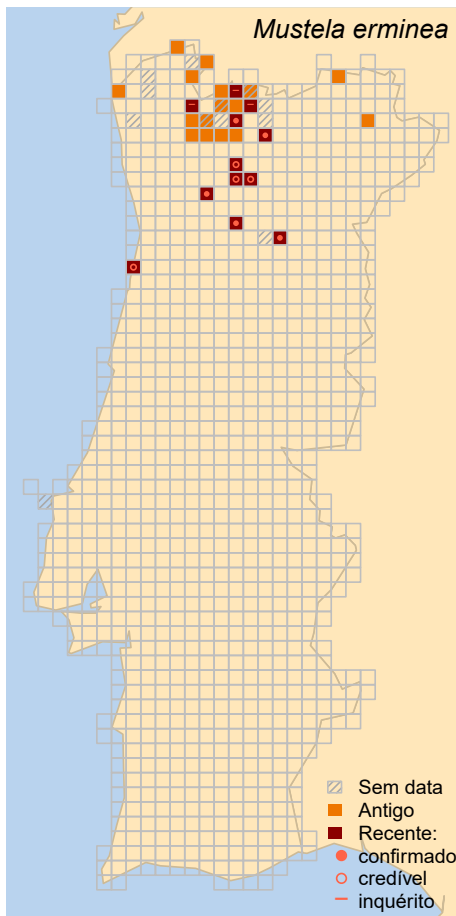
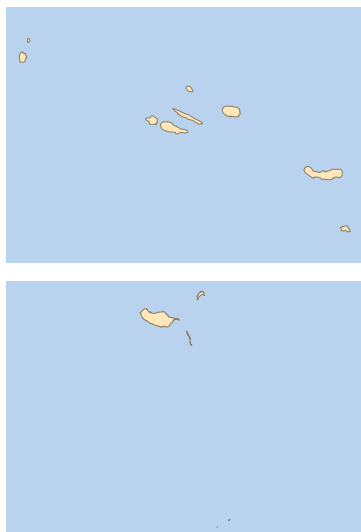
Distribuição em Portugal

A ocorrência do arminho em Portugal foi confirmada pela primeira vez em finais do séc. XX (1983/1984), com a deteção de dois espécimes atropelados em Chaves e Varges (Vila Real) e dois avistamentos em Bragança. O conjunto de registos compilados sugere uma distribuição ao longo das principais cadeias montanhosas do norte de Portugal, maioritariamente a norte do rio Douro. Contudo, foram obtidos em 2003 dois registos confirmados de avistamentos a sul do rio Douro, na região da Serra de Montemuro (Lamego e Sernancelhe). Isto indica que a área de ocorrência do arminho em Portugal inclui zonas a sul deste rio, que era pre-

viamente assumido como o limite de distribuição desta espécie. É também de realçar a existência de registos de ocorrência em regiões costeiras do norte de Portugal (Viana do Castelo e Espinho), que carecem de confirmação na atualidade.

Prioridades de investigação

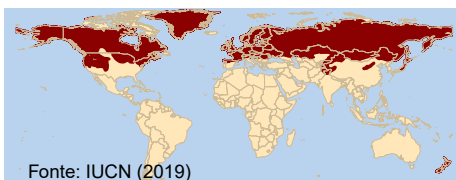
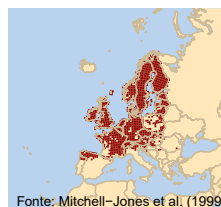
Apesar das dificuldades de amostragem associadas à raridade e ao carácter elusivo desta espécie, seria importante a realização de um censo sistemático direcionado ao arminho no nosso país, de forma a determinar com maior exatidão a área e limites da distribuição e as tendências populacionais desta espécie.



| | |
|------------------------------------|------|
| Nº registos | 81 |
| Nº quadrículas com registos | 37 |
| % quadrículas com registos | 3,7 |
| % quadrículas confirmadas | 13,5 |

Bibliografia

Cabral et al. (2005), Gisbert & García-Perea (2007), Palomo & Gisbert (2002), Reid et al. (2016a), Santos-Reis (1983, 1985)



Mustela nivalis Linnaeus, 1766

Doninha

Comadreja, Least weasel



Henrique Oliveira Pires

| Origem | Categoria IUCN | Categoria LVVP |
|--------|----------------|----------------|
| Nativa | LC | LC |

Habitat

A doninha ocorre numa grande variedade de ambientes, desde florestas mediterrânicas até prados alpinos, selecionando os habitats pela sua abundância de micromamíferos.

Distribuição global

Esta espécie tem uma distribuição holártica, incluindo a maior parte da Europa, o norte da Ásia, a região setentrional da América do Norte e o norte de África. Na Europa, a sua distribuição é generalizada. Na Península Ibérica parece ocorrer por todo o território mas, devido às dificuldades associadas à prospeção desta espécie, é difícil avaliar o nível de fragmentação das suas populações.

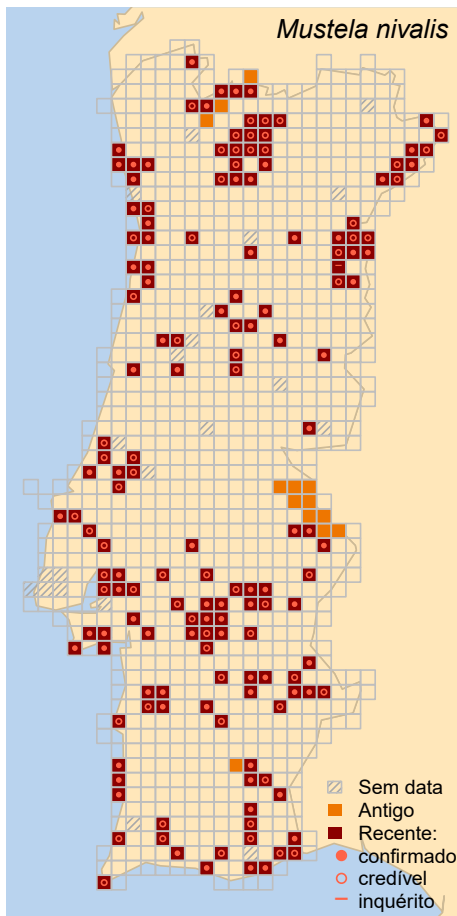
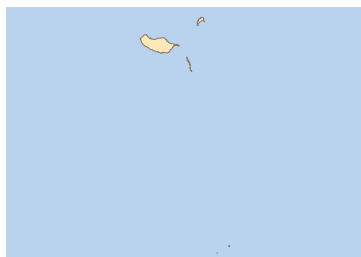
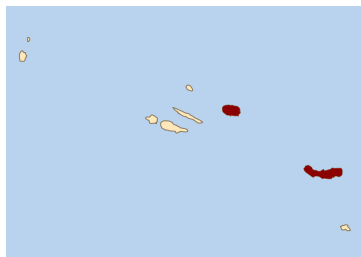
Distribuição em Portugal

Com base no número limitado de registos de presença obtidos para a doninha, a sua distribuição aparenta ser generalizada em todo o território continental, embora com grandes discontinuidades. O reduzido número de registos poderá prender-se com o facto de ser uma espécie de difícil deteção e que ocorre em baixas densidades, possivelmente devido a um declínio populacional, tal como foi sugerido para Espanha. É uma das poucas espécies de mamíferos a ocorrer nos territórios insulares, estando presente no arquipélago dos Açores, nomeadamente nas ilhas de São Miguel e Terceira, e possível-

mente também no Faial, onde a sua presença ainda não foi completamente clarificada.

Prioridades de investigação

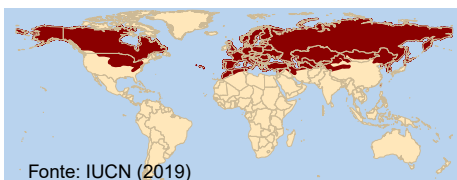
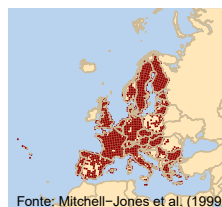
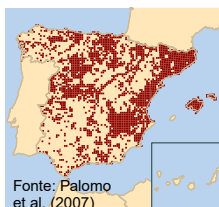
Face ao reduzido volume de registos de presença a nível nacional, estudos futuros deverão implementar uma amostragem mais intensiva e direcionada para esta espécie, com abrangência em todo o país.



| | |
|------------------------------------|------|
| Nº registos | 670 |
| Nº quadrículas com registos | 189 |
| % quadrículas com registos | 18,8 |
| % quadrículas confirmadas | 46,6 |

Bibliografia

Gisbert & Santos-Reis (2007), Mathias et al. (1998a), McDonald et al. (2016), Santos-Reis (1983, 1989)



Mustela putorius Linnaeus, 1758

Toirão

Turón, European polecat



Armino Ferreira

| Origem | Categoria IUCN | Categoria LVVP |
|--------|----------------|----------------|
| Nativa | LC | DD |

Habitat

O toirão é uma espécie generalista em termos de habitat, encontrando-se geralmente associado à presença de água. Pode ocupar desde florestas pouco densas até ambientes abertos, incluindo paisagens de mosaico.

Distribuição global

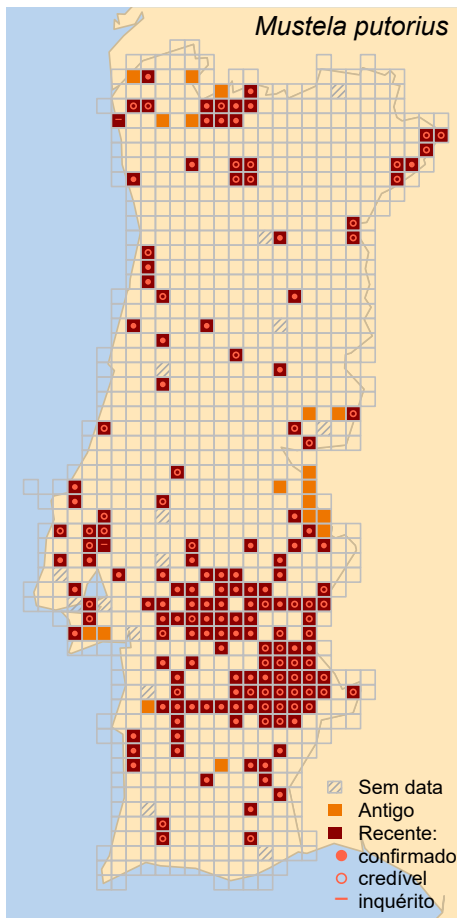
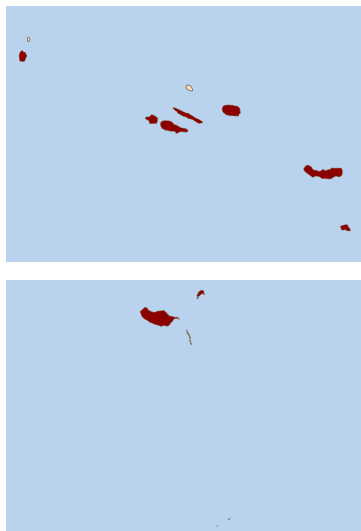
Esta espécie distribui-se pelo Paleártico ocidental, ocorrendo na maior parte da Europa, no norte de África e no oeste da Rússia. Na Península Ibérica apresenta uma distribuição generalizada, embora descontínua.

Distribuição em Portugal

Em Portugal, o toirão ocorre de norte a sul do território continental, embora de forma descontínua, com uma maior concentração de quadrículas com registos de presença a sul do rio Tejo e no extremo noroeste do país. A escassez de registos poderá refletir um declínio generalizado das populações deste mustelídeo, como se encontra documentado para a região mediterrânica da Península Ibérica, possivelmente devido ao uso de pesticidas e à redução das populações do coelho-bravo, espécie importante na sua dieta. Populações ferais da forma domesticada desta espécie, o furão (*Mustela furo*), ocorrem na Madeira e em quase todas as ilhas do arquipélago dos Açores, à exceção do Corvo e da Graciosa.

Prioridades de investigação

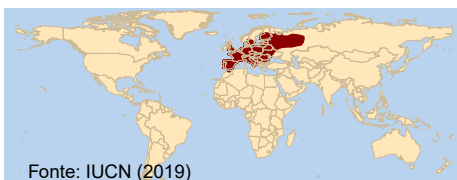
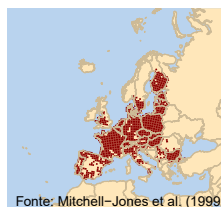
De forma a melhorar o conhecimento sobre a distribuição do toirão em Portugal, é importante efetuar uma prospeção desta espécie abrangendo todo o país. Em particular, deverão ser prospetadas as áreas onde existe maior escassez de registos – nomeadamente, as regiões do Centro, Nordeste e Sudoeste, assim como várias zonas fronteiriças onde a espécie tem presença conhecida do lado espanhol.



| | |
|------------------------------------|------|
| Nº registos | 675 |
| Nº quadrículas com registos | 197 |
| % quadrículas com registos | 19,6 |
| % quadrículas confirmadas | 48,7 |

Bibliografia

Cabral et al. (2005), Costa et al. (2014), Masseti (2010), Mathias (1988), Mathias et al. (1998a), Matos & Santos-Reis (2003), Matos et al. (2001), Mestre et al. (2007), Santos-Reis (1983), Skumatov et al. (2016), Virgós (2007)



Neovison vison Schreber, 1777

Visão-americano

Visón americano, American mink



Tânia Araújo

| Origem | Categoria IUCN | Categoria LVVP |
|-------------------------------|-----------------------|-----------------------|
| Introduzida, América do Norte | LC | NC |

Habitat

O visão-americano ocorre em todo o tipo de habitats associados a massas de água, preferindo áreas com cobertura vegetal densa e aglomerados de rochas, que possam fornecer refúgio.

Distribuição global

Esta espécie, nativa da América do Norte, tem várias populações introduzidas e já naturalizadas em grande parte da Europa, Ásia oriental, América do Sul e Nova Zelândia, resultantes da fuga ou libertação de indivíduos provenientes de quintas de produção de peles. Na Península Ibérica, a espécie ocorre em várias regiões da metade norte de Espanha e ocupa já uma área relativamente extensa no norte de Portugal.

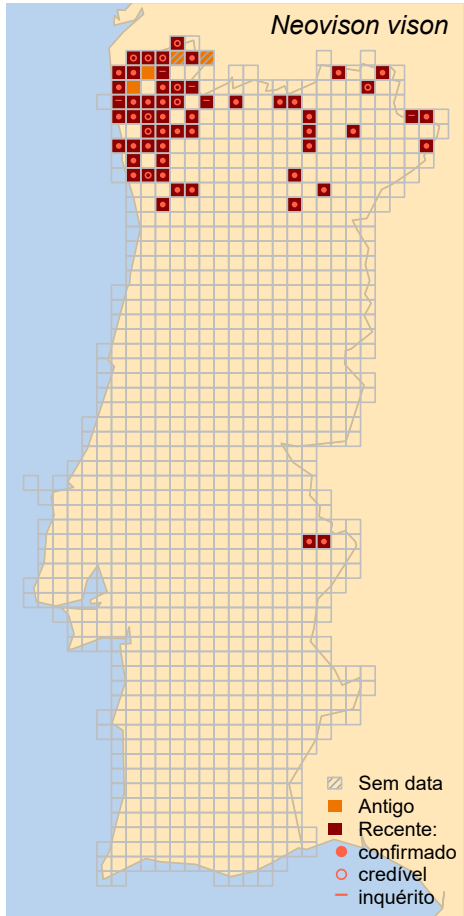
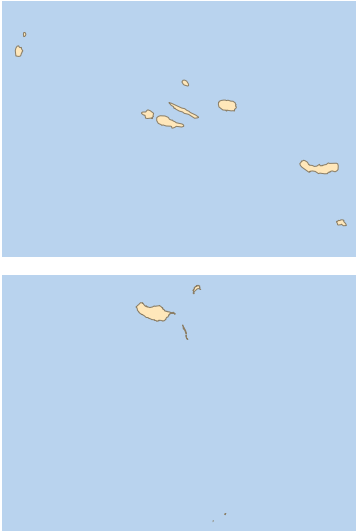
Distribuição em Portugal

A ocorrência desta espécie em Portugal foi documentada pela primeira vez em finais da década de 1980, no rio Minho, tendo provavelmente origem em fugas de quintas de produção de peles localizadas na margem espanhola deste rio. Atualmente, a área de ocorrência desta espécie exótica expandiu-se para sul e para este, ocupando já todas as bacias hidrográficas do noroeste de Portugal e vários outros locais no nordeste do país, incluídos na região norte da bacia hidrográfica do rio Douro, os quais se encontram em continuidade

com populações existentes em Espanha. Um estudo recente sobre a distribuição e expansão do visão-americano em Portugal revelou que, em 2010/2011, os registos de ocorrência mais a sul se localizavam nos rios Sousa e Tua, ambos afluentes a norte do rio Douro. Porém, dois registos confirmados obtidos recentemente no distrito de Portalegre revelam a ocorrência desta espécie bastante mais a sul do que se conhecia até ao momento, sugerindo que poderá estar a expandir-se também ao longo da bacia hidrográfica do rio Guadiana.

Prioridades de investigação

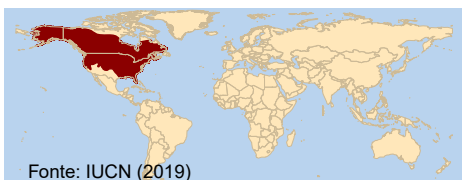
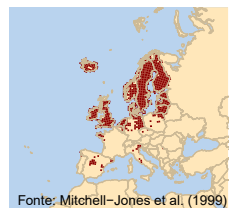
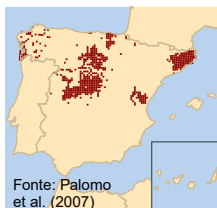
Considerando a rápida expansão desta espécie invasora e o aparecimento recente de novos registos em vários pontos do país, torna-se essencial realizar uma monitorização exaustiva da sua área de ocorrência e respetivos limites de distribuição em Portugal, focando, em particular, regiões fronteiriças com populações conhecidas do lado espanhol. Esta informação será essencial para a implementação de programas de controlo populacional dirigidos a esta espécie, face aos seus impactos negativos sobre a fauna nativa, nomeadamente através da competição por recursos (e.g. com o toirão e a lontra) e/ou da predação (e.g. sobre a toupeira-de-água).



| | |
|------------------------------------|------|
| Nº registos | 194 |
| Nº quadrículas com registos | 61 |
| % quadrículas com registos | 6,1 |
| % quadrículas confirmadas | 68,9 |

Bibliografia

Bravo (2007), Reid et al. (2016b), Rodrigues et al. (2015), Vidal-Figueroa & Delibes (1987)



Martes martes (Linnaeus, 1758)

Marta

Marta, European pine marten



Jorge Costa

| Origem | Categoria IUCN | Categoria LVVP |
|--------|----------------|----------------|
| Nativa | LC | DD |

Habitat

A marta ocupa tipicamente massas florestais de coníferas ou folhosas que sejam bem estruturadas, diversificadas e maduras, tendendo a evitar áreas com presença humana.

Distribuição global

Esta espécie tem uma ampla área de distribuição no Paleártico ocidental e central, ocorrendo na maior parte da Europa, no Médio Oriente, no Cáucaso e no oeste da Sibéria. Na Península Ibérica, apresenta uma distribuição restrita e descontínua, limitada à faixa montanhosa mais a norte (Galiza, Cordilheira Cantábrica e Pirenéus), que representa o limite sudoeste da sua distribuição na Europa.

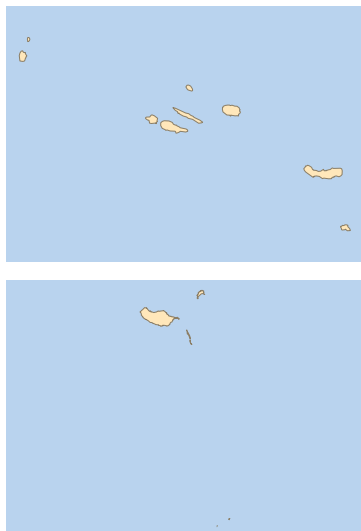
Distribuição em Portugal

Em Portugal, a área de distribuição da marta ainda é incerta. Os resultados de um censo realizado à escala nacional em 2005, com base em inquéritos à população e noutros registos não confirmados, sugerem que esta espécie se pode distribuir por todo o Norte e Centro-Este do país. Contudo, muitos destes registos podem, na realidade, corresponder à fuinha, espécie mais comum e fácil de avistar, que é facilmente confundida com a marta. As únicas quadrículas com registos confirmados de marta em Portugal localizam-se no extremo norte do país, coincidindo com as úni-

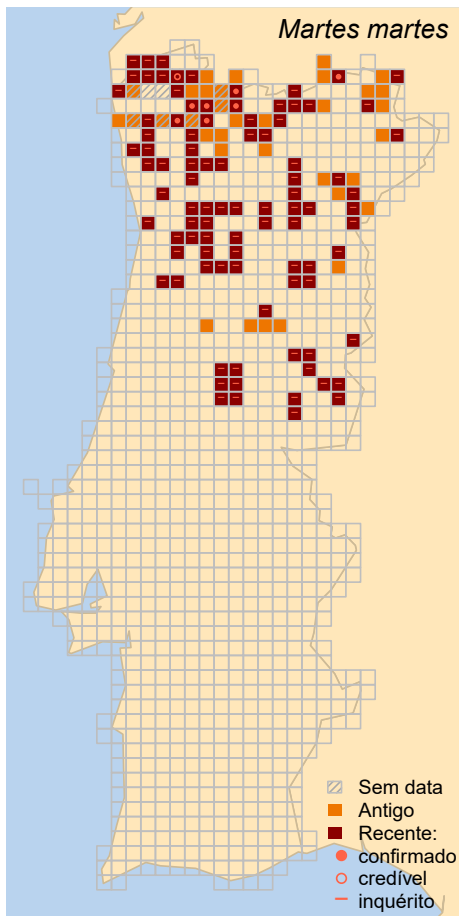
cas manchas florestais a nível nacional que ainda apresentam as condições de habitat mais favoráveis para esta espécie. Desta forma, é possível que a marta apresente uma distribuição bastante mais restrita em Portugal, limitando-se a algumas áreas do Parque Nacional da Peneda-Gerês e do Parque Natural de Montesinho, em continuidade com populações documentadas em Espanha.

Prioridades de investigação

Tendo em conta as limitações associadas aos dados existentes, torna-se prioritário identificar com rigor a área de distribuição da marta em Portugal, de forma a avaliar corretamente o seu estatuto de ameaça e estado de conservação, que poderá ser preocupante. Seria importante implementar um censo sistemático direcionado a esta espécie, utilizando metodologias fiáveis de amostragem (e.g. armadilhagem fotográfica, genética não invasiva) e particularmente focado nas áreas onde existem registos não confirmados.

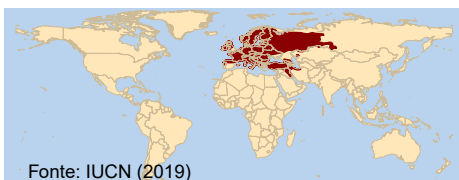
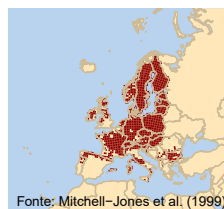
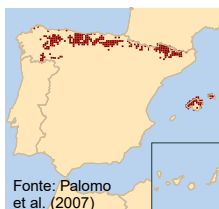


| | |
|------------------------------------|------|
| Nº registos | 192 |
| Nº quadrículas com registos | 129 |
| % quadrículas com registos | 12,8 |
| % quadrículas confirmadas | 5,4 |



Bibliografia

Álvares & Brito (2006), Cabral et al. (2005), Herrero et al. (2016), López-Martin (2007), Matos & Santos-Reis (2006), Monterroso et al. (2016), Santos-Reis (1983)



Martes foina (Erxleben, 1777)

Fuinha

Garduña, Beech marten



Nuno Xavier Moreira

| Origem | Categoria IUCN | Categoria LVVP |
|---------------|-----------------------|-----------------------|
| Nativa | LC | LC |

Habitat

A fuinha ocupa uma grande diversidade de habitats naturais, particularmente nos ecossistemas mediterrânicos, incluindo zonas de estepe, montado e floresta caducifolia ou de coníferas. Nas regiões centro e este da Europa, a fuinha coloniza também zonas urbanas, utilizando parques urbanos, pátios de habitações ou sótãos de casas desabitadas. No entanto, no sul da Europa, a sua proximidade ao Homem está restrita ao meio rural.

Distribuição global

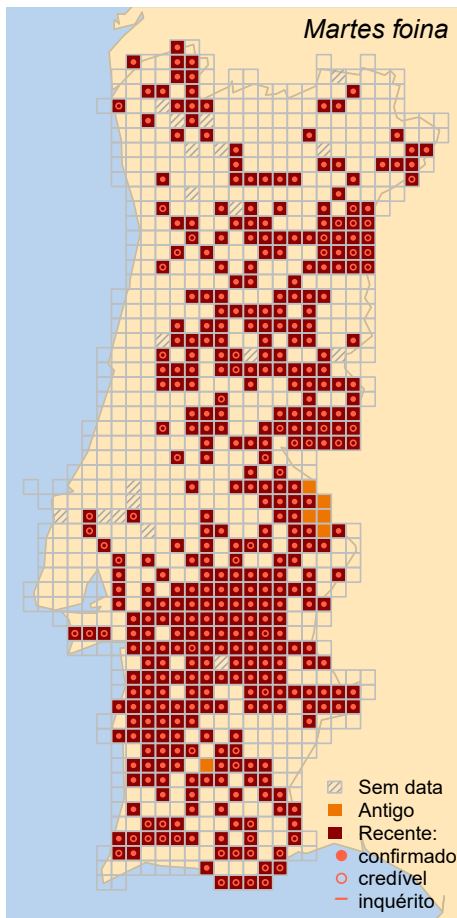
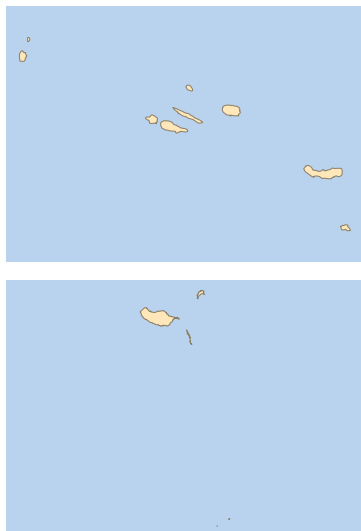
Esta espécie ocorre na maior parte da Europa e na Ásia Central, desde o Próximo Oriente até ao norte de Myanmar (Birmânia). Na Península Ibérica, está presente em praticamente todo o território.

Distribuição em Portugal

Os registos de presença recentes de fuinha distribuem-se de norte a sul do país, sugerindo que esta espécie tem uma distribuição generalizada em Portugal, tal como referido em estudos anteriores.

Prioridades de investigação

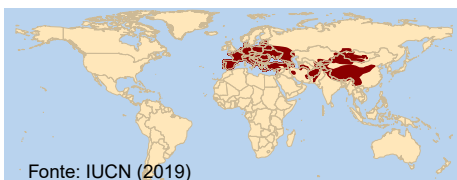
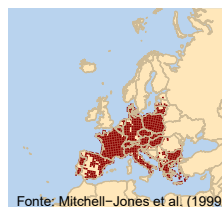
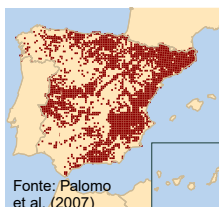
Em várias zonas de Portugal, a presença recente de fuinha não está documentada. Torna-se, portanto, importante desenvolver um maior esforço de amostragem direcionado a esta espécie, particularmente no Algarve, no litoral norte e centro, na bacia do rio Tejo e em Trás-os-Montes e Alto Douro, de forma a avaliar mais corretamente a sua área de distribuição nacional.



| | |
|------------------------------------|------|
| Nº registos | 3373 |
| Nº quadrículas com registos | 436 |
| % quadrículas com registos | 43,3 |
| % quadrículas confirmadas | 78,7 |

Bibliografia

Abramov et al. (2016), Cabral et al. (2005), Monterroso et al. (2016), Reig (2007), Santos-Reis (1983), Sarmento et al. (2011)



Meles meles (Linnaeus, 1758)

Texugo

Tejón, European badger



Manuel Malva

| Origem | Categoria IUCN | Categoria LVVP |
|---------------|-----------------------|-----------------------|
| Nativa | LC | LC |

Habitat

O texugo ocupa preferencialmente florestas caducifólias, mistas ou de coníferas com clareiras, bem como paisagens agro-silvo-pastoris com sebes. Também pode ser encontrado em áreas suburbanas e mesmo em parques urbanos.

Distribuição global

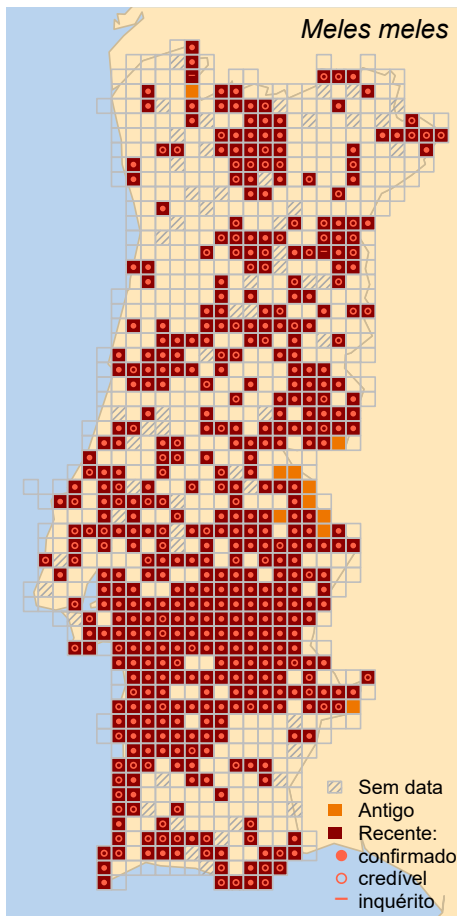
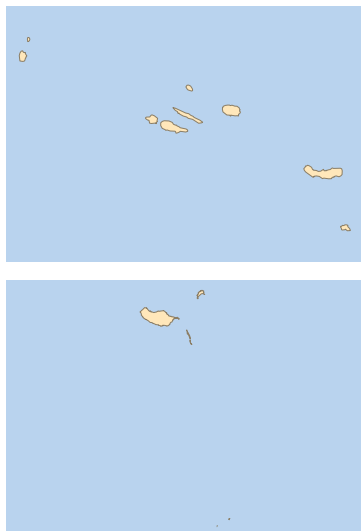
Esta espécie distribui-se por grande parte do Paleártico ocidental, ocorrendo em quase toda a Europa, à exceção das zonas mais setentrionais da Escandinávia, e na parte mais ocidental da Ásia. Na Península Ibérica, ocorre praticamente por todo o território, desde as regiões montanhosas às zonas mais áridas.

Distribuição em Portugal

A distribuição do texugo aparenta ser generalizada por todo o território continental português. Contudo, o número e a continuidade espacial de quadriculas com registos de presença confirmada são maiores na região sul do país.

Prioridades de investigação

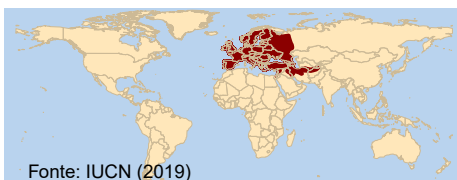
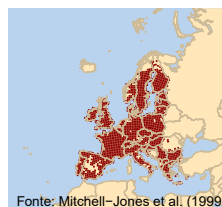
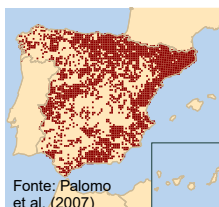
Deverá ser desenvolvido um censo sistemático a nível nacional direcionado ao texugo, focado particularmente em regiões onde os registos de presença são mais escassos, como a zona a norte do rio Tejo e as serras do Algarve e Baixo Alentejo, de forma a determinar com mais exatidão a área de distribuição desta espécie e o nível de fragmentação das suas populações.



| | |
|------------------------------------|------|
| Nº registos | 4510 |
| Nº quadrículas com registos | 544 |
| % quadrículas com registos | 54 |
| % quadrículas confirmadas | 63,2 |

Bibliografia

Hipólito et al. (2018), Kranz et al. (2016), Proulx et al. (2016), Revilla et al. (2007), Rosalino et al. (2008, 2019), Santos-Reis (1983), Santos-Reis et al. (2005)



Lutra lutra (Linnaeus, 1758)
Lontra euroasiática
Nutria paleártica, Eurasian otter



Nuno Xavier Moreira

| Origem | Categoria IUCN | Categoria LVVP |
|--------|----------------|----------------|
| Nativa | NT | LC |

Habitat

A lontra ocorre numa grande variedade de ambientes aquáticos continentais e costeiros, preferencialmente bem conservados, estando a sua presença principalmente condicionada pela disponibilidade de alimento.

Distribuição global

Esta espécie apresenta uma das maiores áreas de distribuição de todos os mamíferos paleárticos, ocorrendo de forma mais ou menos contínua na Europa, Ásia e norte de África. Está presente em quase toda a Península Ibérica, exceto na maior parte da costa mediterrânica.

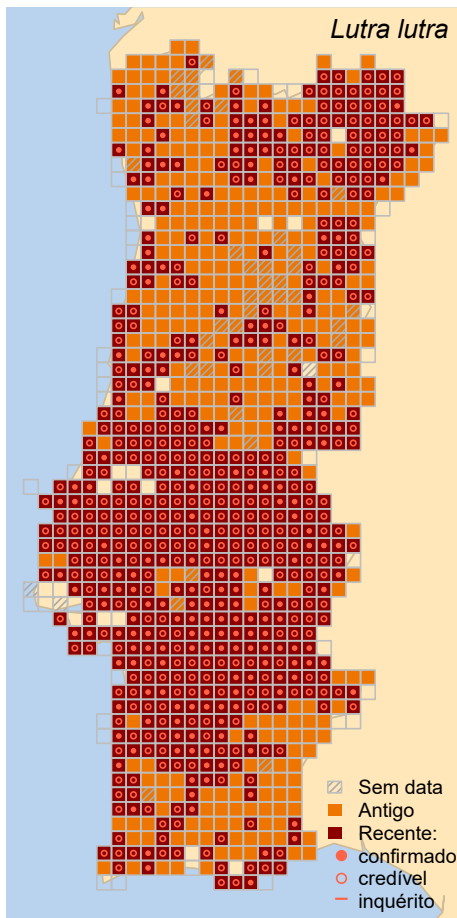
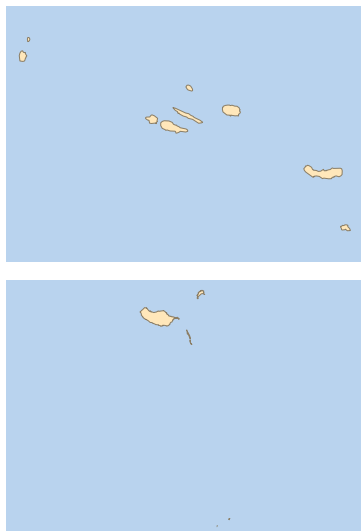
Distribuição em Portugal

A lontra foi alvo de um censo sistemático à escala nacional em 1995, que revelou uma distribuição generalizada de norte a sul do país, ocorrendo em praticamente todas as bacias hidrográficas e ao longo da maior parte da linha costeira continental. No entanto, foram identificadas várias zonas onde esta espécie parecia estar ausente, tais como a região da Estremadura, a zona costeira a sul do Porto e a costa sul do Algarve. Uma prospeção recente de uma parte do centro-sul do país permitiu atualizar o conhecimento sobre a distribuição da lontra nesta região. Embora se tenha registado uma relativa expansão desta espécie, foi cor-

roborada a sua ausência em algumas zonas da Estremadura. Atualmente, embora ainda existam áreas amplas sem registos de presença recentes (em geral, por falta de prospeção no terreno), considera-se que a lontra deverá manter uma distribuição generalizada por todo o país.

Prioridades de investigação

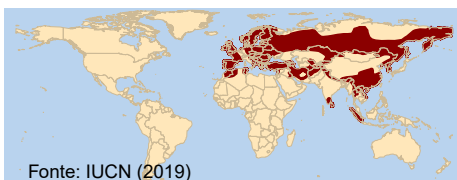
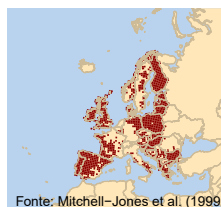
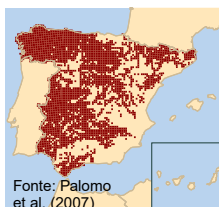
A lontra é um dos poucos mamíferos portugueses cuja distribuição foi alvo de uma avaliação sistemática abrangendo todo o território continental português. Dando continuidade a esse trabalho, seria importante assegurar uma monitorização dessa área de distribuição, em particular nas zonas onde a espécie poderá estar a expandir-se ou a ser alvo de maiores pressões antrópicas. Futuras prospeções deverão também focar a região norte do país, onde o visão-americano (*Neovison vison*), uma espécie invasora que ocorre amplamente no mesmo tipo de habitats, se encontra atualmente em franca expansão, podendo competir com a lontra pelos mesmos recursos.



| | |
|------------------------------------|------|
| Nº registos | 9930 |
| Nº quadrículas com registos | 949 |
| % quadrículas com registos | 94,2 |
| % quadrículas confirmadas | 22,8 |

Bibliografia

Beja (1992), Bernardo (2008), Fialho (2016), Pedroso et al. (2014), Roos et al. (2015), Ruiz-Olmo (2007), Santos-Reis (1983), Trindade et al. (1998)



Herpestes ichneumon (Linnaeus, 1758)

Sacarrabos

Meloncillo, Egyptian mongoose



José Luís Barros

| Origem | Categoria IUCN | Categoria LVVP |
|----------------------------------|----------------|----------------|
| Possivelmente não nativa, África | LC | LC |

Habitat

Embora possa ocupar uma ampla variedade de habitats, o sacarrabos está principalmente associado a zonas com coberto arbustivo denso, junto a áreas lacustres ou ribeirinhas. Na Europa, mostra preferência pelo matagal mediterrânico espesso e pelas zonas húmidas.

Distribuição global

Esta espécie tem uma ampla distribuição em África, estando ausente no deserto do Sahara, nas florestas equatoriais e na extremidade meridional deste continente. Ocorre igualmente nas regiões mais ocidentais do Próximo Oriente. A Península Ibérica é a sua única região de ocorrência na Europa, estando a sua área de distribuição neste continente restrin-gida atualmente ao sudoeste ibérico. Estas populações europeias têm uma origem ainda incerta, podendo ter sido introduzidas pelo Homem em tempos históricos ou resultar de uma colonização natural em épocas mais recuadas.

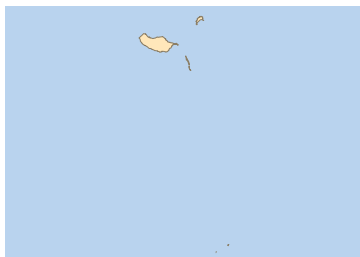
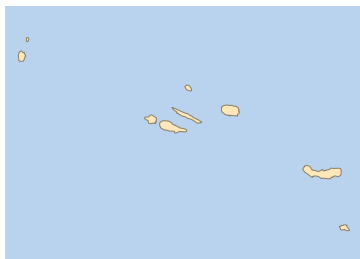
Distribuição em Portugal

Até meados do séc. XX, o sacarrabos ocorria maioritariamente a sul do rio Tejo. Desde essa altura, tem vindo a expandir-se de forma rápida e ampla para norte, tendo já colonizado a região de Trás-os-Montes e Alto Douro e aparecido também ocasionalmente em algumas localidades do

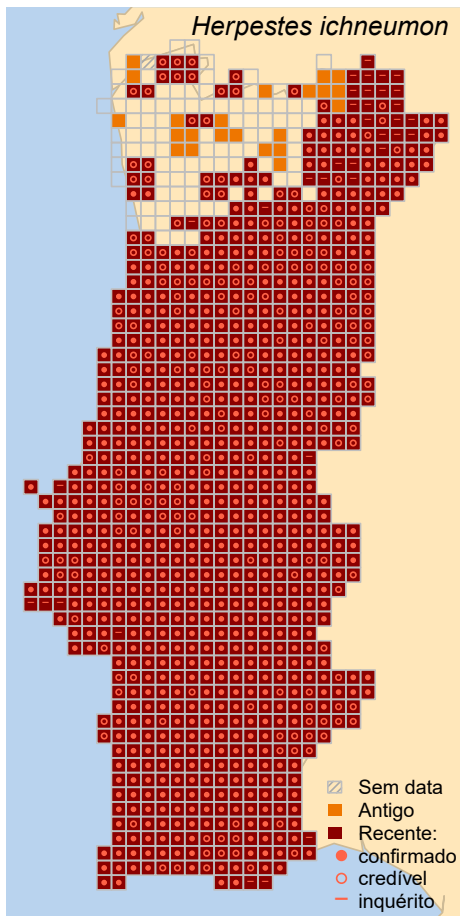
Minho, de acordo com informações fornecidas pelas zonas de caça. Esta expansão parece estar relacionada com alterações recentes nos usos do solo, alterações climáticas e a grande adaptabilidade ecológica desta espécie. Atualmente, o sacarrabos ocorre em toda a região mediterrânica de Portugal, e de forma mais esporádica e fragmentada, também no noroeste do país, inserido na região biogeográfica eurosiberiana.

Prioridades de investigação

Estudos futuros deverão focar-se na monitorização da presença do sacarrabos no limite norte da sua área atual de distribuição, de forma a confirmar efetivamente a sua presença no noroeste do país e a detetar variações na sua tendência populacional. Além disso, o sacarrabos é uma espécie cinegética, tornando-se, por isso, importante avaliar o impacto da caça nas suas populações.

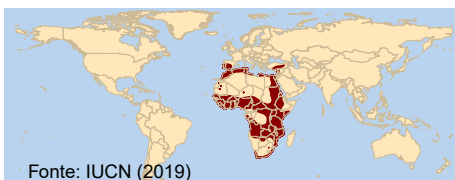
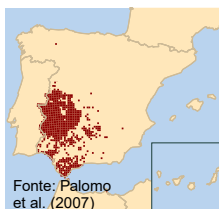


| | |
|------------------------------------|------|
| Nº registos | 5926 |
| Nº quadrículas com registos | 917 |
| % quadrículas com registos | 91,1 |
| % quadrículas confirmadas | 71,5 |



Bibliografia

Barros & Fonseca (2011), Barros et al. (2015), Borralho et al. (1996), Detry et al. (2018), Do Lihn San et al. (2016), Gaubert et al. (2011), Palomares (2007)



Genetta genetta (Linnaeus, 1758)

Geneta

Gineta, Common genet



Manuel Malva

| Origem | Categoria IUCN | Categoria LVVP |
|--------------------|-----------------------|-----------------------|
| Não nativa, África | LC | LC |

Habitat

A geneta é uma espécie generalista que ocorre mais frequentemente em habitats florestais com zonas rochosas e junto de rios, preferencialmente em regiões temperadas de baixa altitude. Seleciona frequentemente zonas ripícolas com árvores frondosas ou áreas com árvores ocas de grande porte, que utiliza como local de refúgio e de marcação olfativa (e.g. latrinas).

Centro e de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Prioridades de investigação

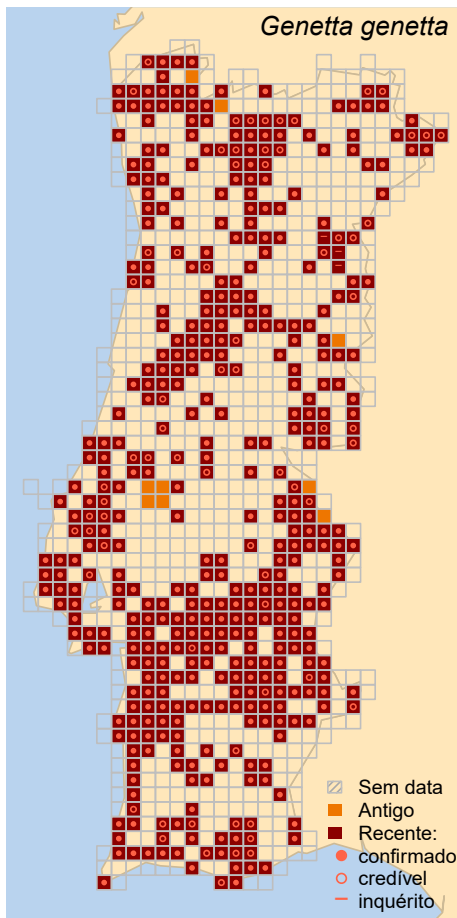
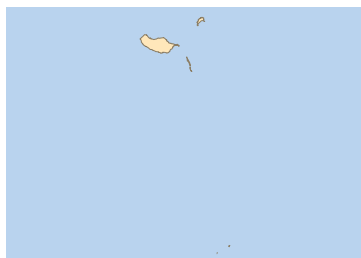
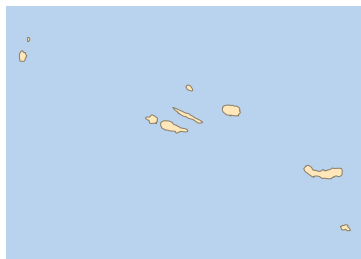
Estudos futuros deverão assegurar a prospeção sistemática da geneta a nível nacional, particularmente em regiões onde existem menos registos de presença, de forma a determinar o nível de fragmentação das suas populações no nosso país.

Distribuição global

Esta espécie tem uma distribuição ampla, ocorrendo maioritariamente em África, com exceção da região desértica do Sahara e das florestas equatoriais. Tem também áreas de presença localizada na Península Arábica e no sudoeste europeu, incluindo Portugal, Espanha e o sul de França. Na Península Ibérica, onde as suas populações são consideradas introduzidas em tempos históricos e já naturalizadas, é uma espécie amplamente distribuída cuja abundância parece diminuir de sudoeste para nordeste, encontrando-se ausente ou sendo rara nas regiões cerealíferas da Meseta Norte (centro de Espanha).

Distribuição em Portugal

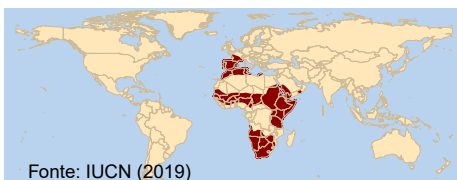
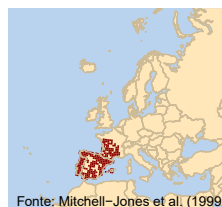
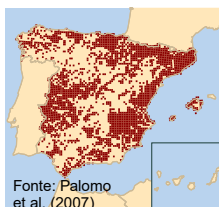
A geneta tem uma distribuição generalizada de norte a sul do país, havendo, no entanto, uma maior escassez de registos nas regiões do



| | |
|------------------------------------|------|
| Nº registros | 3787 |
| Nº quadrículas com registos | 450 |
| % quadrículas com registos | 44,7 |
| % quadrículas confirmadas | 82 |

Bibliografia

Calzada (2007), Carvalho et al. (2015), Galantino & Mira (2009), Gaubert et al. (2015a,b), Sarmento et al. (2010)



Felis silvestris Schreber, 1777

Gato-bravo

Gato montés, Wildcat



Jorge Costa

| Origem | Categoria IUCN | Categoria LVVP |
|--------|----------------|----------------|
| Nativa | LC | VU |

Habitat

O gato-bravo pode ser encontrado numa grande variedade de habitats mas, na Europa, prefere paisagens de mosaico constituídas por mato, floresta e habitats abertos, com reduzida densidade humana.

Distribuição global

Esta espécie apresenta uma área de distribuição ampla, embora fragmentada, em especial na região setentrional, que abrange o sul da Eurásia e a maior parte de África. Na Península Ibérica ocorre a subespécie *F. s. silvestris*, atualmente com uma distribuição fragmentada.

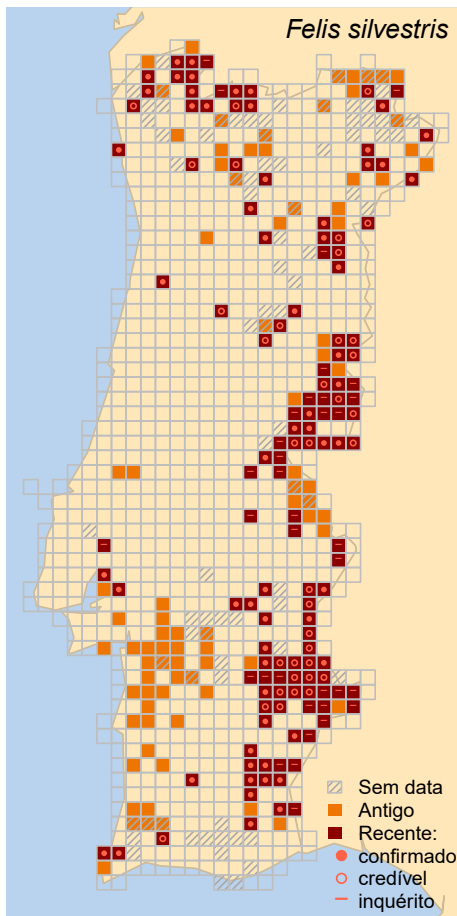
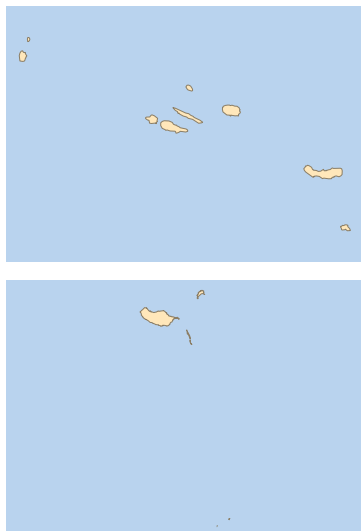
Distribuição em Portugal

A informação disponível sobre a distribuição do gato-bravo em Portugal é bastante incompleta, devido à ausência de monitorizações sistemáticas e à dificuldade em obter registos de presença fiáveis, dado o comportamento elusivo desta espécie e a sua semelhança morfológica com o gato doméstico (*F. catus*). Contudo, os dados disponíveis sugerem que a sua distribuição é fragmentada mas abrange o país de norte a sul, com ocorrência mais frequente no interior, junto das regiões fronteiriças com Espanha. A espécie aparenta ser pouco frequente na metade ocidental do centro e sul do país, onde existem muito poucos registos de presença. Suspeita-se que as populações desta

espécie estarão a regredir em território nacional.

Prioridades de investigação

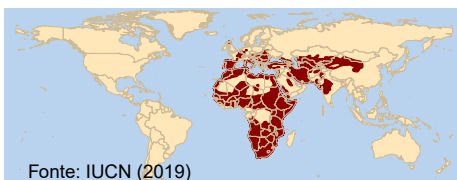
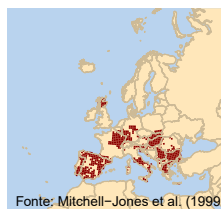
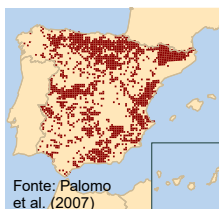
A confirmação dos registos de presença de gato-bravo é prioritária, uma vez que esta espécie pode facilmente ser confundida com o gato doméstico, mesmo quando observada a curta distância. Além disso, exemplares híbridos entre ambas as espécies são comuns e difíceis de distinguir fenotipicamente das suas formas parentais, e a maioria dos seus indícios de presença confundem-se facilmente com os de outros mesocarnívoros. Desta forma, estudos futuros sobre o gato-bravo deverão assegurar a validação genética dos seus registos de presença, de forma a permitir determinar com maior fiabilidade a área de distribuição desta espécie, bem como o grau de fragmentação das suas populações.



| | |
|------------------------------------|------|
| Nº registos | 730 |
| Nº quadrículas com registos | 280 |
| % quadrículas com registos | 27,8 |
| % quadrículas confirmadas | 22,1 |

Bibliografia

Cabral et al. (2005), Fernandes (2007), García-Perea (2007), Monterroso et al. (2009, 2013), Oliveira et al. (2008), Pinto & Fernandes (2001), Yamaguchi et al. (2015)



Lynx pardinus (Temminck, 1827)

Lince-ibérico

Lince ibérico, Iberian lynx



| Origem | Categoria IUCN | Categoria LVVP |
|-----------------------------|----------------|----------------|
| Endêmica, Península Ibérica | EN | CR |

Habitat

O lince-ibérico seleciona áreas de matagal mediterrânico com elevadas densidades de coelho-bravo, a sua presa principal. As paisagens de mosaico são particularmente importantes, por conterem biótopos mais densos e fechados, que utiliza como refúgio, e outros mais abertos, onde captura as suas presas.

Distribuição global

As populações naturais desta espécie estavam, até recentemente, restritas a duas regiões do sudoeste de Espanha: a Sierra Morena oriental e as planícies costeiras (*marismas*) de Doñana. No entanto, através de programas de reintrodução, outros núcleos têm vindo a ser constituídos no centro e sul da Península Ibérica, nomeadamente no Vale do Guadiana, Matachel, Montes de Toledo e Guarrizas-Guadalmellato.

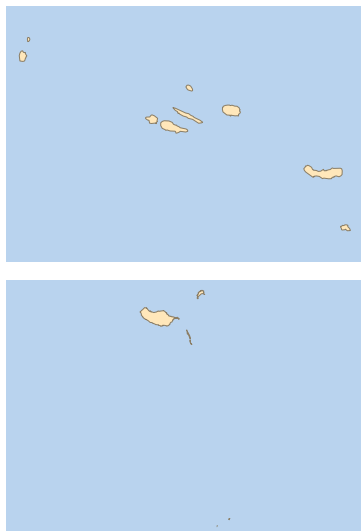
Distribuição em Portugal

De acordo com dados históricos, o lince-ibérico poderá já ter ocorrido por todo o país, mas a sua área de distribuição regrediu drasticamente durante o séc. XX. Entre as décadas de 1980 e 1990, o lince já ocorria apenas em alguns locais do Centro e Sul do país, chegando a estar restringido a cinco zonas principais (Malcata, São Mamede, Vale do Guadiana, Vale do Sado e Algarve-Odemira), com ocorrências adicionais dispersas que

poderiam indicar áreas de presença residual ou amplos movimentos dispersivos. Os últimos registos de presença dessa época correspondem a excrementos encontrados na Malcata em 1997 e Serra da Adiça em 2001. Em 2002-2003, o lince já não foi detetado nas prospeções realizadas, e em 2005 o Livro Vermelho indicou a ausência de populações residentes. Entretanto, foi implementado um programa ibérico de conservação *ex-situ*, com o objetivo de reintroduzir lincês nascidos em cativeiro. As primeiras libertações no nosso país ocorreram em 2015 no Parque Natural do Vale do Guadiana e áreas circundantes. Os registos recentes de presença em Portugal correspondem aos locais de reintrodução e a zonas próximas de expansão, ocorrendo reprodução natural desde 2016. Há também registos esporádicos noutras zonas do país, resultantes de movimentos dispersivos de indivíduos libertados e posteriormente fotografados ou atropelados em várias regiões.

Prioridades de investigação

As populações de lince em Portugal estão agora em recuperação. Estudos futuros sobre a sua distribuição deverão ser multidisciplinares (ecologia populacional, genética, sanidade, aspetos sociais, conflitos com humanos) e focar-se nas áreas fronteiriças com Espanha, na envol-

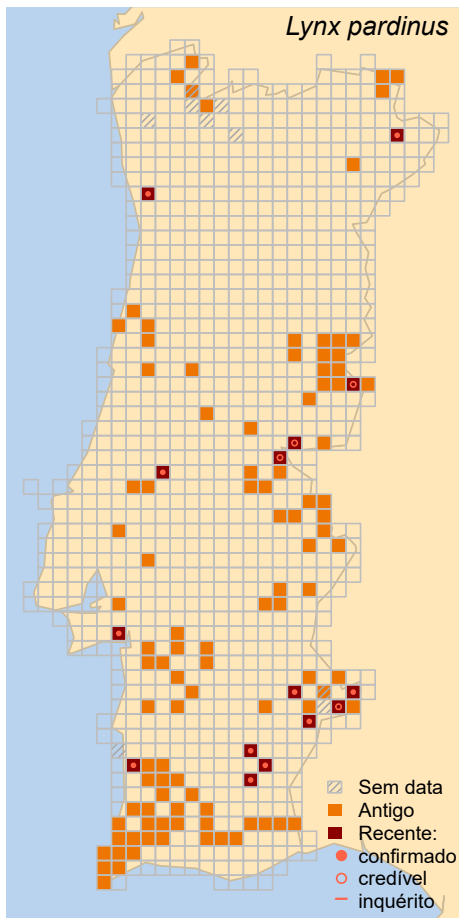


vente dos locais de reintrodução e nos novos territórios estabelecidos. Deverá ser dada especial atenção à futura dinâmica metapopulacional a nível ibérico. Estudos de conectividade entre populações serão cruciais para garantir o sucesso das reintroduções a longo prazo e a viabilidade futura desta espécie.

| | |
|------------------------------------|------|
| Nº registos | 379 |
| Nº quadrículas com registos | 123 |
| % quadrículas com registos | 12,2 |
| % quadrículas confirmadas | 10,6 |

Bibliografia

Cabral et al. (2005), Castro & Palma (1996), Palma (1980), Projeto Life+IBERLINCE (2017), Rodríguez (2007), Rodríguez & Calzada (2015), Sarmiento et al. (2004, 2009, 2017)



Procyon lotor Linnaeus, 1758

Guaxinim

Mapache, Raccoon



Alcino Freitas

| Origem | Categoria IUCN | Categoria LVVP |
|-------------------------------|----------------|----------------|
| Introduzida, América do Norte | LC | NC |

Habitat

O guaxinim é uma espécie muito adaptável, podendo encontrar-se numa grande diversidade de habitats. Ocorre especialmente em zonas de ecótono e na proximidade de água, incluindo áreas abertas e pantanosas, rios e zonas urbanas.

Distribuição global

A distribuição nativa desta espécie estende-se desde o sul do Canadá até à América Central. Populações introduzidas estabeleceram-se em várias regiões do mundo, inclusivamente na Europa, na zona asiática da Rússia e no Japão. Na Península Ibérica, existem populações estabelecidas em várias regiões de Espanha, particularmente no centro do país, tendo sido recentemente detetada em Portugal a presença pontual de indivíduos desta espécie.

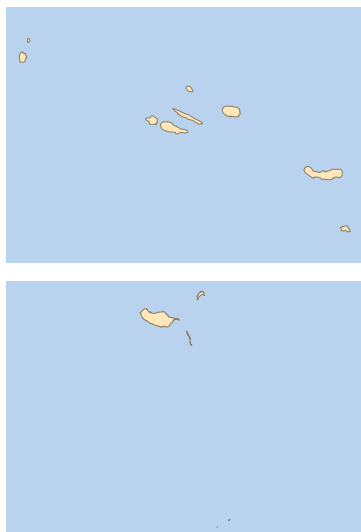
Distribuição em Portugal

A presença de guaxinim foi confirmada pela primeira vez em Portugal através do registo fotográfico de um indivíduo em Vila Nova de Famalicão, obtido em 2008. Desde então, foram obtidos mais três registos pontuais de indivíduos desta espécie, nomeadamente em Santarém (2012), em Cascais (2013) e em Esposende (2014). À semelhança do que acontece em Espanha, os registos de presença em Portugal foram obtidos nas imediações de centros urbanos. Além disso,

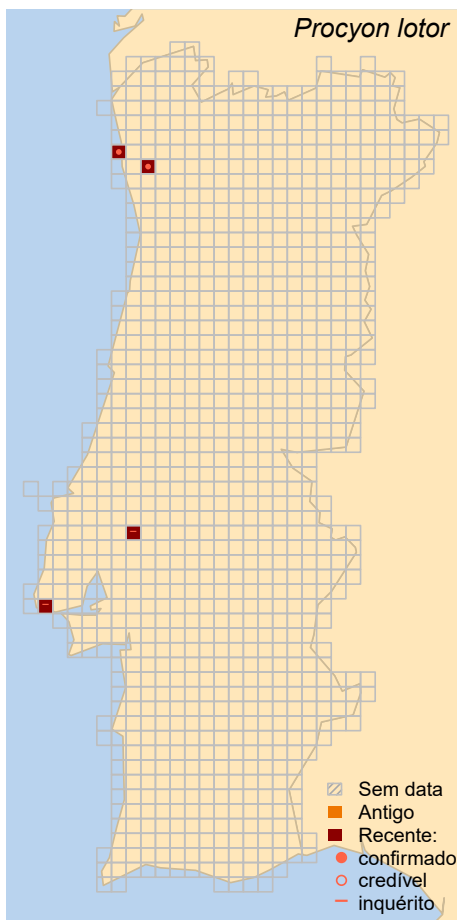
localizaram-se no litoral norte e centro do país, sugerindo que poderão ser o resultado de fugas ou libertações de cativeiro após importação ilegal de indivíduos desta espécie como animais de companhia, e não o resultado de animais dispersantes provenientes de populações situadas em Espanha.

Prioridades de investigação

Torna-se urgente monitorizar e controlar a ocorrência do guaxinim em Portugal, especialmente tendo em conta os efeitos negativos que esta espécie invasora pode ter sobre a fauna nativa, através de predação (e.g. sobre roedores, anfíbios e aves nidificantes no solo) e competição (e.g. com outros mesocarnívoros). Futuros programas de monitorização deverão focar-se, em particular, nas imediações dos centros urbanos onde esta espécie já foi detetada, bem como nas regiões fronteiriças próximas de populações localizadas em Espanha, nomeadamente na bacia do rio Tejo e na área da Peneda-Gerês.



| | |
|------------------------------------|-----|
| Nº registos | 4 |
| Nº quadrículas com registos | 4 |
| % quadrículas com registos | 0,4 |
| % quadrículas confirmadas | 50 |



Bibliografia

Bencatel et al. (2018), García et al. (2012), Kauhala (1996), Mitchell-Jones et al. (1999), Timm et al. (2016)

Espécie não incluída no atlas espanhol

